

*Atentamente*

**CARLOS PORTALES CIFUENTES**

*Embajador*

*Director General de Política Exterior  
Ministerio de Relaciones Exteriores de Chile*

REPU	CHILE
P	CIA
RECIBO	CHILE
NR.	43 / 7855
A:	15 ABR 93
P.A.A.	<input type="checkbox"/> R.C.A. <input checked="" type="checkbox"/>
C.B.E.	<input type="checkbox"/> M.L.P. <input type="checkbox"/>
M.T.O.	<input type="checkbox"/> EDEC <input type="checkbox"/>
M.Z.C.	<input type="checkbox"/>

- 1.- SUPLEMENTO DOMINICAL "IDEIAS-LIVROS" DEL DIARIO "JORNAL DO BRASIL" DE ANTEAYER PUBLICA, EN FORMA DESTACADA, BAJO EL TITULO "EL IDEAL DE YELTSIN ES PINOCHET", ENTREVISTA A SOCIOLOGO Y CONCEJAL RUSO BORIS KAGARLITSKY.
- 2.- DICHO SOCIOLOGO -A QUIEN DIARIO ATRIBUYE HABER ANTICIPADO, EN DICIEMBRE DE 1991 LA CRISIS QUE AHORA ENFRENTA EL PRESIDENTE RUSO- AFIRMA QUE "Los medios de comunicación de derecha (EN RUSIA) HABLAN TODO EL DIA DE LA NECESIDAD DE UN PINOCHET RUSO. ELOGIA A PINOCHET; DICE QUE, POR ENCIMA DE ÉL, SOLO ESTA JESUSCRISTO. ESTOY CITANDO, PUEDE PONER ENTRE COMILLAS: SE COMPARA A PINOCHET CON CRISTO. CUANDO EXISTE ESTE TIPO DE PROPAGANDA, LA EXPECTATIVA ES QUE EL REGIMEN SEA BRUTAL, DISPUESTO A ELIMINAR A LA OPOSICION...".
- 3.- EL SEÑOR KAGARLITSKY EFECTUA UNA SERIE DE APRECIACIONES SOBRE LA SITUACION POLITICA PRESENTE Y FUTURA RUSA QUE PUEDEN SER DE INTERES PARA ESE MINISTERIO.
- 4.- SEGUN LA ENTREVISTA MENCIONADA, EL SOCIOLOGO RUSO VISITARA PROXIMAMENTE BRASIL

ARCHIVO



# "O ideal de Yeltsin é Pinochet"

Luciana Villas-Bôas

— Como é a Rússia que surge a partir dos fragmentos do monolito?

— Não está claro. O governo, que tenta continuar sua corrida para o capitalismo, enfrenta problemas. Política e economicamente, a transformação do regime e da *monolitizatsia* não foi bem-sucedida. A perspectiva da capitalização foi seriamente desafiada. Existe a possibilidade de mudança numa direção de uma economia mista, com um setor socializado importante. As perspectivas sociais da Rússia não estão perdidas. Isso depende das lutas políticas e sociais.

— Um editorial do New York Times disse que, apesar das dificuldades, já existem na Rússia 10 milhões de capitalistas.

— Abracando todas as pessoas que têm algum tipo de negócio, chegamos a um número em torno de 8 milhões. Isso inclui negócios muito pequenos. Na China comunista, há 14 milhões de negócios privados, sem nenhuma privatização substancial da economia. Na antiga União Soviética, se contamos os microempresários e as pessoas autoempregadas, talvez cheguemos a 10 milhões, para uma população de 260 milhões. Mas, se contamos os capitalistas da verdade, teremos cerca de 100 mil — o que é nada.

— Então, a privatização ainda não criou uma sociedade capitalista?

— Não há uma classe capitalista nem em formação. Há a *quasi-burocracia*, antigas elites do partido e chefes partidários privatizando propriedades, roubando bens públicos. É muito comum que os termos *proprietários*, *capitalistas* e *oligarcas* não sejam autônomos. Não como opinião — tecnicamente. Se seguimos o código penal, quase todo dono de propriedade em larga escala na Rússia tem de ser preso: as fortunas são roubadas.

— Há alguma coisa de especial algumas pessoas? Há algum elemento na política russa este ano que o tenha surpreendido?

— A incompetência do regime, não só na economia — o que eu previa —, mas em termos de sua autoconservação e de formar um aparato repressivo. Isso é um elemento impressionante, surpreendente e encorajador. É uma das razões por que o governo está tão irado. A mídia de direita fala todo dia da necessidade de um Pinochet russo. Elogia Pinochet, diz que, acima dele, só Jesus Cristo. Estou citando, pode pôr entre aspas: compara-se Pinochet com Cristo. Quando se tem essa propaganda, a expectativa é de que o regime seja brutal, disposto a eliminar a oposição. Mas isso mais do que morde. Muitos elementos do velho regime foram herdados pelo novo, a começar pelos membros da elite. A ineficiência também, que se revela na formação do aparato repressivo.

— Haveria um compromisso democrático hesitante e hesitante do aparato?

— Não há qualquer compromisso democrático. A última tentativa de Yeltsin de desbater a Constituição foi a busca de um caminho para a ditadura, com poderes especiais para o presidente e a suspensão dos direitos de corpos representativos. Foi a tentativa de imitar Fujimori. Uso referências latino-americanas não porque queria ser compreendido na América Latina, mas porque apareceu claramente na mídia oficial. Foi dito que Yeltsin deveria seguir Fujimori, já que não conseguia repetir Pinochet. Mas ele fracassou. Isso revela a permanente lentidão antidemocrática da elite. Só que ela já não é mais convincente.

— Qual é sua expectativa acerca do plebiscito?

— Se o regime compreender que, econômica e socialmente, perdeu o jogo, aceitando as regras democráticas (a necessidade de eleições), haverá um movimento para o centro, com ganhos à esquerda. Uma opção centro-esquerda. Na verdade, uma alternativa esquerdista, se comparada com o que é centro-esquerda no Ocidente. Seria uma economia mista. Isso significa a predominância do setor público e um compromisso

■ O sociólogo e vereador moscovita Boris Kagurlitsky canta a bola como ninguém. Em 1990, ele lançou pela Verso, de Londres, *Farewell perestroika (Adieu perestroika)*, coleção de artigos de 1988 e 1989. O título dispensa explicações sobre os caminhos que previa para o movimento de Mikhail Gorbachev, anos antes da tentativa de golpe de agosto de 1991. Em dezembro daquele ano, dias após a queda de Gorbachev e o fim da União Soviética, Kagurlitsky, em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, antecipou a crise enfrentada agora pelo presidente russo, Boris Yeltsin. Estas análises foram expandidas em A desintegração do monolito, escrito em 1992, primeiro livro seu editado aqui, a ser lançado pela Edusp esta semana. Ativo militante do Partido do Trabalho, que congrega esquerdistas russos sobreviventes do colapso soviético, Kagurlitsky, 35 anos, não teme ser confundido com a velha regime bolchevique: aos 20, ingressou na política formando um grupo clandestino de jovens socialistas; em 1982, foi preso por publicar o jornal *Guinada à Esquerda*. É autor também de uma estupenda história da inteligência de seu país, *The thinking reed (O junco pensante)*. As vésperas de embarcar rumo ao Brasil, para palestras e o lançamento do livro, ele, em conversa telefônica com o Jô, fez novas previsões e esta denúncia: "O ideal de Yeltsin é Pinochet".



social: o poder dos sindicatos permanece amplo. A outra possibilidade é ruim: o regime tentar manter o poder e seguir o curso liberal a qualquer preço. Tentaria novas soluções antidemocráticas. Não vai funcionar, mas a crise só agravará e terminará a desintegração russa. A saída será trágica. Será uma luta dura pela democracia. Mas as possibilidades de o regime se consolidar estão se evaporando.

— Qual é seu argumento nesse sentido?

— A base social do regime está se desintegrando. As forças originalmente interessadas no desenvolvimento capitalista — empresários, tecnocratas, gerentes, incluindo os que querem privatizar as empresas — entendem que, para esta crise, a saída é uma economia bastante socializada. Não temos investimentos privados, precisamos drama-

ticamente de algum tipo de controle de preços e salários, o que é inaceitável para os sindicatos a não ser que haja um planejamento social. Neste quadro, as opções capitalistas estão estreitas. Ao mesmo tempo, há a tendência de formação de um novo bloco que inclui trabalhadores sindicalizados, alguma tecnocracia e novos movimentos oposicionistas.

— Como fica o problema das nacionalidades?

— A situação só está melhor porque, se existe o conflito aberto, há o sentimento generalizado de exaustão desta crise. Já existe gente de toda nacionalidade com o sentimento de que se pertence a um só país. Há a perspectiva de um movimento pró-União mais forte. Numa pesquisa, 67% dos russos disseram que gostariam que a União Soviética fosse restaurada. O mesmo aconteceu na Ucrânia, Bielorrússia, Cazaquistão.

— Seu livro *The thinking reed (O junco pensante)* diz que a totalitarismo impedia o desenvolvimento de uma *intelligentsia* nos tradicionais moldes russos. O novo regime permitiu surgir essa *intelligentsia*?

— Foi duro ver que grande parte dos intelectuais formados nos 60 se moveu rapidamente para a direita. Agora há uma *intelligentsia* visível. Mas curoso de integridade. Pode ser definida mais politicamente do que em termos de auto-reprodução como grupo social, com identidade clara.

— Quem é Ruslan Khabulotov, o presidente do Congresso?

— Em muito próximo de Yeltsin. Há um romance. *O devoto de Ruslan*, sobre o cão de um guarda num campo de concentração. Sempre se chamou Khabulotov do "o devoto de Ruslan de Yeltsin". Quando ele começou a atacar Yeltsin, uma manchete do jornal saiu: "Devoto de Ruslan começa a morder o dono". Khabulotov representa um setor mais realista da tecnocracia, que entende que, queriam-se ou não as privatizações, prosseguir com elas significa a destruição da economia e a inexistência de qualquer bem para privatizar no fim de um ano.

— Como se a atitude do presidente Bill Clinton em defesa de Yeltsin?

— Quando teve início esta última crise, recebi telefonemas de jornalistas brasileiros e americanos. Disse que o problema desta vez não era conosco, mas com eles. Na Rússia, as pessoas tiram do discurso de Yeltsin, quando afirmou que não seguiria a Constituição. O Ocidente o levou a sério e lhe deu apoio. Isso revela uma crise dos valores liberais democráticos na sociedade ocidental. Há uma erosão do apoio às condições políticas democráticas e morais. Há uma compreensão primitiva da *raison d'Etat*, vista como superior aos valores democráticos. Isso é novo para a sociedade ocidental.

— Qual é o papel da Rússia na nova ordem mundial?

— Não há uma nova ordem. Ela fracassou. O que vemos nesta década? Vamos ver que o projeto liberal não funcionou na Rússia. Este projeto liberal já está fracassando também no Ocidente. A eleição de Clinton foi resultado do fracasso das políticas de Reagan e Bush. Mas Clinton é a reação passiva da elite americana ao colapso do neoliberalismo. Representa o fim de uma época,

mas sem definição para guiar o país para nada de novo. Só pode causar mais crise para a sociedade americana. Vai ver o Gorbachev dos Estados Unidos. Gorbachev era popular no Ocidente, mas na Rússia há muito é associado a desastre, colapso.

— O metrô, símbolo da eficiência na era soviética, funciona ainda?

— Um romance de 1988, *A pessoa que não retornou*, de Kabukov, descreve a imagem da Rússia pós-perestroika colapso absoluto. Nesta época elemtica distópica, a sociedade é um caos em revolta, as pessoas andam armadas de Kalashnikovs, todos temem todos — mas o metrô funciona, é só o que funciona. Se o metrô parar em Moscou, aí será o fim de tudo.

Luciana Villas-Bôas / editora do Jô

L. DO BRASIL 10/4/93

Idéias/LIVROS

10/4/93



— Como é a Rússia que surge a partir dos fragmentos do monólito?

— Não está claro. O governo, que tenta continuar sua corrida para o capitalismo, enfrenta problemas. Política e economicamente, a transformação do regime e da *nomenklatura* não foi bem-sucedida. A perspectiva da capitalização foi seriamente desafiada. Existe a possibilidade de mudança numa direção diferente: de uma economia mista, com um setor socializado importante. As perspectivas sociais da Rússia não estão perdidas. Isso depende das lutas políticas e sociais.

— Um editorial do New York Times disse que, apesar das dificuldades, já existem na Rússia 10 milhões de capitalistas...

— Abarcando todas as pessoas que têm algum tipo de negócio, chegamos a um número em torno de 8 milhões. Isso inclui negócios muito pequenos. Na China comunista, há 14 milhões de negócios privados, sem nenhuma privatização substancial da economia. Na antiga União Soviética, se contarmos os micronegócios e as pessoas autoempregadas, talvez cheguemos a 10 milhões, para uma população de 250 milhões. Mas, se contarmos os capitalistas de verdade, teremos cerca de 100 mil — o que é nada.

— Então, a privatização ainda não criou uma sociedade capitalista?

— Não há uma classe capitalista nem em formação. Há a *nomenklatura*, antigas elites do partido e chefes partidários privatizando propriedades, roubando bens públicos. É senso comum que os termos *proprietários*, *capitalistas* e *criminosos* são sinônimos. Não é uma opinião — tecnicamente. Se seguimos o código penal, quase todo dono de propriedade em larga escala na Rússia tem de ser preso: as fortunas são roubadas.

— O senhor já cravou algumas previsões. Houve algum elemento na política russa este ano que o tenha surpreendido?

— A incompetência do regime, não só na economia — o que eu previa —, mas em termos de sua autoconsolidação e de formar um aparato repressivo. Este é um elemento impressionante, surpreendente e encorajador. É uma das razões por que o governo está tão irado. A mídia de direita fala todo dia da necessidade de um Pinochet russo. Elogia Pinochet; diz que, acima dele, só Jesus Cristo. Estou citando, pode não estar exato: compara-se Pinochet com Cristo. Quando se tem essa propaganda, a expectativa é de que o regime seja brutal, disposto a eliminar a oposição. Mas late mais do que morde. Muitos elementos do velho regime foram herdados pelo novo, a começar pelos membros da elite. A ineficiência também, que se revela na formação do aparato repressivo.

— Haveria um compromisso democrático impedindo a montagem do aparato?

— Não há qualquer compromisso democrático. A última tentativa de Yeltsin de desobedecer à Constituição foi a busca de um caminho para a ditadura, com poderes especiais para o presidente e a suspensão dos direitos de corpos representativos. Foi a tentativa de imitar Fujimori. Uso referências latino-americanas não porque queira ser compreendido na América Latina, mas porque aparecem diariamente na mídia oficial. Foi dito que Yeltsin deveria seguir Fujimori, já que não conseguia repetir Pinochet. Mas ele fracassou. Isso revela a permanente tentação antidemocrática da elite. Só que ela já não é mais convincente.

— Qual é a sua expectativa acerca do plebiscito?

— Se o regime compreender que, econômica e socialmente, perdeu o jogo, aceitando as regras democráticas (a necessidade de eleições), haverá um movimento para o centro, com ganhos à esquerda. Uma opção centro-esquerda. Na verdade, uma alternativa esquerdista, se comparada com o que é centro-esquerda no Ocidente. Seria uma economia mista. Isso significa a predominância do setor público e um compromisso

■ O sociólogo e vereador moscovita Boris Kagarlitsky canta a bola como ninguém. Em 1990, ele lançou pela Verso, de Londres, *Farewell perestroika (Adets perestroika)*, coletânea de artigos de 1988 e 1989. O título dispensa explicações sobre os caminhos que previa para o movimento de Mikhail Gorbachev, anos antes da tentativa de golpe de agosto de 1991. Em dezembro daquele ano, dias após a queda de Gorbachev e o fim da União Soviética, Kagarlitsky, em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, antecipou a crise enfrentada agora pelo presidente russo, Boris Yeltsin. Estas análises foram expandidas em A desintegração do monólito, escrito em 1992, primeiro livro seu editado aqui, a ser lançado pela Edunesp esta semana. Ativo militante do Partido do Trabalho, que congrega esquerdistas russos sobreviventes do colapso soviético, Kagarlitsky, 35 anos, não teme ser confundido com o velho regime bolchevique: aos 20, ingressou na política formando um grupo clandestino de jovens socialistas; em 1982, foi preso por publicar o jornal *Guinada à Esquerda*. É autor também de uma estupenda história da intelligentsia de seu país, *The thinking reed (O junco pensante)*. Às vésperas de embarcar rumo ao Brasil, para palestras e o lançamento do livro, ele, em conversa telefônica com o Idéias, fez novas previsões e esta denúncia: "O ideal de Yeltsin é Pinochet."



social; o poder dos sindicatos permanece amplo. A outra possibilidade é ruim: o regime tentar manter o poder e seguir o curso liberal a qualquer preço. Tentaria novas soluções antidemocráticas. Não vai funcionar, mas a crise se agravará e teremos a desintegração russa. A saída será traumática. Será uma luta dura pela democracia. Mas as possibilidades de o regime se consolidar estão se evaporando.

— Qual é seu argumento nesse sentido?

— A base social do regime está se desintegrando. Até as forças originalmente interessadas no desenvolvimento capitalista — empreendedores, tecnocracia, gerentes, incluindo os que queriam privatizar as empresas — entendem que, para esta crise, a saída é uma economia bastante socializada. Não temos investimentos privados; precisamos drama-



ticamente de algum tipo de controle de preços e salários, o que é inaceitável para os sindicatos a não ser que haja um planejamento social. Neste quadro, as opções capitalistas estão estreitas. Ao mesmo tempo, há a tendência de formação de um novo bloco que inclui trabalhadores sindicalizados, alguma tecnocracia e novos movimentos oposicionistas.

— Como fica o problema das nacionalidades?

— A situação só está melhor porque, se existe o conflito aberto, há o sentimento generalizado de exaustão desta crise. Já existe gente de toda nacionalidade com o sentimento de que se pertence a um só país. Há a perspectiva de um movimento pró-União mais forte. Numa pesquisa, 67% dos russos disseram que gostariam que a União Soviética fosse restaurada. O mesmo aconteceu na Ucrânia, Bielorrússia, Cazaquistão.

— Seu livro *The thinking reed* (O junco pensante) diz que o totalitarismo impediu o desenvolvimento de uma *intelligentsia* nos tradicionais moldes russos. O novo regime permitiu surgir essa *intelligentsia*?

— Foi duro ver que grande parte dos intelectuais formados nos 60 se moveu rapidamente para a direita. Agora há uma *intelligentsia* visível. Mas carece de integridade. Pode ser definida mais politicamente do que em termos de auto-reprodução como grupo social, com identidade clara.

— Quem é Ruslan Khasbulatov, o presidente do Congresso?

— Era irmão próximo de Yeltsin. Há um romance, *O devotado Ruslav*, sobre o cão de um guarda num campo de concentração. Sempre se chamou Khasbulatov de "o devotado Ruslav de Yeltsin". Quando ele começou a atacar Yeltsin, uma manchete de jornal saiu: "Devotado

Ruslan começa a morder o dono". Khasbulatov representa um setor mais realista da tecnocracia, que entende que, queriam as reformas de privatizações, prosseguir com elas significa a destruição da economia e a inexistência de qualquer bem para privatizar ao fim de um ano.

— Como vê a atitude do presidente Bill Clinton em defesa de Yeltsin?

— Quando teve início esta última crise, recebi telefonemas de jornalistas britânicos e americanos. Disse que o problema desta vez não era conosco, mas com eles. Na Rússia, as pessoas riram do discurso de Yeltsin, quando afirmou que não seguiria a Constituição. O Ocidente o levou a sério e lhe deu apoio. Isso revela uma crise dos valores liberais democráticos na sociedade ocidental. Há uma erosão do apoio às condições políticas democráticas e morais. Há uma compreensão primitiva da *raison d'État*, vista como superior aos valores democráticos. Isso é novo para as sociedades ocidentais.

— Qual é o papel da Rússia na nova ordem mundial?

— Não há uma nova ordem. Ela fracassou. O que veremos nesta década? Vamos ver que o projeto liberal não funcionará na Rússia. Este projeto liberal já está fracassando também no Ocidente. A eleição de Clinton foi resultado do fracasso das políticas de Reagan e Bush. Mas Clinton é a reação passiva da elite americana ao colapso do neoliberalismo. Representa o fim de uma época,

mas sem definição para guiar o país para nada de novo. Só pode causar mais crise para a sociedade americana. Vai ser o Gorbachev dos Estados Unidos. Gorbachev era popular no Ocidente, mas na Rússia há muito é associado a desastre, colapso.

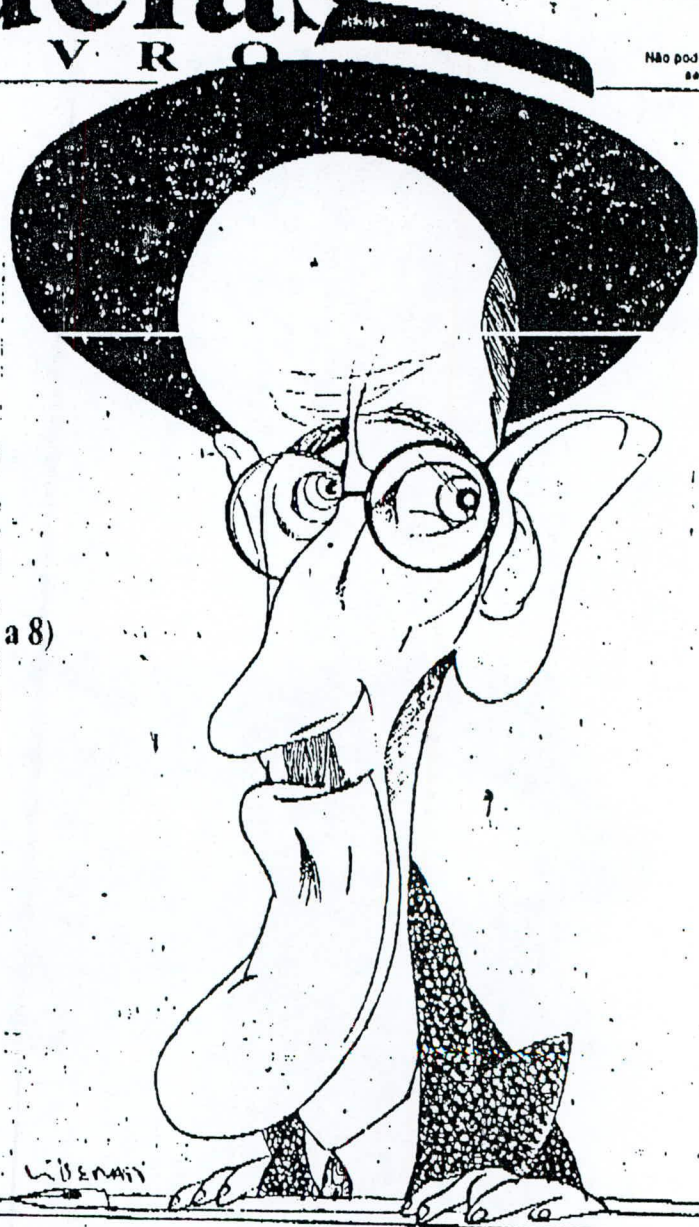
— O metrô, símbolo da eficiência na era soviética, funciona ainda?

— Um romance de 1988, *A pessoa que não retornou*, de Kabakov, descreve a imagem da Rússia pós-perestroika: colapso absoluto. Nesta ficção científica distópica, a sociedade é um caos em revolta, as pessoas andam armadas de Kalashnikovs, todos temem todos — mas o metrô funciona, é só o que funciona. Se o metrô parar em Moscou, aí será o fim de tudo.



## James Joyce passado a limpo

Traduções mais precisas permitem ao leitor tirar renovado proveito da obra do irlandês quando jovem mestre (Páginas 6 a 8)



■ "Yeltsin está tentando imitar Pinochet", denuncia o sociólogo russo, Boris Kagarlitsky

(Página 9)



■ No novo livro de Antônio Callado, cada conto tem ligação com algum de seus belos romances

(Página 3)

**PEPITA RODRIGUEZ**  
Ela já faz sucesso no cinema, no teatro e na tv, mas garante que o melhor de si está no livro **TEMPO DE COLHER**, que a Editora Record editou em um belo.



TEMPO DE COLHER não existiria se a atriz não tivesse vivido uma experiência de renascimento. Aos 40 anos, ela se sentiu como se tivesse morrido e renascido outra pessoa mais entusiasmada espiritualmente, quando descobriu os livros. Pepita sugere, porém, que esta é uma experiência que pode ser vivida por todos, muito antes dos 40. Para tanto, é só mergulhar de cabeça nos livros para se reabrir e crescer como se fosse um novo ser humano.

TEMPO DE COLHER será lançado na livraria Satchan, às 19:30, dia 14 de abril, no São Paulo Matemático (São Paulo) e no dia 19 de abril, às 18:00, no Restaurante Gullmas, São Conrado. Telefone: (11) 414-1141 (Rádio Laser) 11

A venda nas principais livrarias ou pelo telefone: 685-2002



Mais um lançamento do catálogo da EDITORA RECORD...